

COMERCIO, GÉNERO Y EQUIDAD EN AMÉRICA LATINA:
GENERANDO CONOCIMIENTO PARA LA ACCIÓN POLÍTICA

**Brasil: Evolução do emprego
feminino entre 1995 e 2005**

Marta Reis Castilho

Red Internacional de Género y Comercio
Capítulo Latinoamericano



COMERCIO, GÉNERO Y EQUIDAD EN AMÉRICA LATINA: GENERANDO CONOCIMIENTO PARA LA ACCIÓN POLÍTICA.

BRASIL: EVOLUÇÃO DO EMPREGO FEMININO ENTRE 1995 E 2005

Setiembre 2007

Marta Reis Castilho¹

¹ Faculdade de Economia da Universidade Federal Fluminense e IGTN

PRESENTACIÓN

Los nuevos patrones de comercio internacional y las políticas comerciales ¿han contribuido a promover relaciones de género más equitativas en el ámbito público y privado? Con esta pregunta se abre el proyecto de investigación “*Comercio, género y equidad en América Latina: conocimiento para la acción política*” del Capítulo Latinoamericano de la Red Internacional de Género y Comercio. El mismo se ha venido desarrollando desde 2006, con el apoyo del Centro Internacional de Investigaciones para el Desarrollo, Canadá (IDRC).

Los informes que integran esta serie documental corresponden a la primera fase de la investigación. Sus datos plantean un abordaje de las relaciones de género en dos grandes áreas: comercio internacional y mercado de trabajo, por un lado y funcionamiento de la economía del cuidado, por otro.

Todos reúnen información, que desde diferentes perspectivas, pretende contribuir a reflexionar sobre la interconexión entre los procesos económicos relacionados con el comercio internacional, el mercado laboral y el funcionamiento de la economía del cuidado.

En su calidad de avances de investigación constituyen productos que han permitido ir nucleando las preocupaciones de los diferentes países en torno a estas temáticas, para inducir nuevas preguntas y nuevos debates. En esta parte del proyecto han participado equipos de investigación de Argentina, Brasil, Chile, Colombia, México y Uruguay.

Capítulo Latinoamericano de la Red Internacional de Género y Comercio

INDICE

1. Introdução.....	4
2. Setores analisados	4
3. Características do mercado de trabalho para setores seleccionados	8
3.1. Emprego	9
3.2. Educação	10
3.3. Jornada de trabalho.....	12
3.4. Relação contratual (posição na ocupação)	13
3.5. Renda e diferencial de renda	15
3.6. Rotatividade	16
3.7. Contribuição e beneficiários da Seguridade Social.....	17
4. Outras características das pessoas e das famílias	19
4.1. Afazeres domésticos (trabalho reprodutivo)	19
4.2. Características dos domicílios.....	21
5. Conclusões	23
6. Referências Bibliográficas	25
7. Anexo	26

1. Introdução

Na primeira parte deste trabalho, analisamos quais os setores em que o emprego feminino foi mais afetado pelas exportações e importações brasileiras em 2005, através do cálculo do conteúdo de emprego dos fluxos de comércio. Nesta parte, pretende-se analisar o trabalho feminino em suas duas dimensões – trabalho produtivo e reprodutivo -, com ênfase naqueles setores mais relevantes do ponto de vista de geração ou ameaça de perda de emprego pelas exportações e importações. Para isso, em primeiro lugar, examina-se o desempenho do mercado de trabalho entre 1995-2005, distinguindo sempre homens e mulheres. Em segundo lugar, analisaremos certas características associadas ao acesso a determinados serviços, às famílias e também à realização de afazeres domésticos que nos permitam ter maiores elementos para caracterização do trabalho reprodutivo realizado pelas mulheres. Embora não apresentemos exaustivamente no corpo do texto as estatísticas para todos os setores, elas se encontram disponíveis em anexo.

2. Setores analisados

A fim de analisar o impacto do comércio sobre o emprego feminino para a economia brasileira, selecionamos aqueles setores onde o número de empregos femininos associado ao comércio era mais elevado. Este número de empregos foi calculado a partir da estimação do conteúdo de trabalho feminino, realizado na primeira parte do presente projeto.²

Esta metodologia consiste em calcular, em um primeiro estágio, a quantidade de trabalho necessária para a produção de R\$ 1,00 de determinado bem levando em consideração o emprego direto e o emprego indireto através dos coeficientes de produção fornecidos pela matriz de insumo-produto. Em seguida, aplica-se este coeficiente de emprego aos fluxos de comércio, a fim de estimar o número de empregos gerados pelas exportações e ameaçados pelas importações.³ Esta metodologia é simples e se baseia em algumas hipóteses – sobretudo que não há heterogeneidade no interior dos setores e do país -, porém, apresenta as vantagens de clareza e facilidade de cálculo, consistindo assim em um bom ponto de partida para a análise dos impactos do comércio sobre o emprego.⁴

No caso brasileiro, calculamos o conteúdo de emprego feminino do comércio segundo o sexo e o nível educacional a fim de analisar o impacto do comércio sobre o emprego feminino e também sobre qual tipo de emprego gerado. Os resultados mostram – de acordo com outros trabalhos usando metodologias mais sofisticadas – que o impacto do crescimento do comércio é pequeno sobre a geração e destruição potencial de postos de trabalho. Como pode-se ver a seguir, o comércio gera um “saldo” de empregos de cerca quase 5 milhões de trabalhadores, o que corresponde a 6% da força de trabalho brasileira em 2005. O número de empregos cresceu fortemente entre 1995 e 2005, devido ao crescimento acelerado das exportações e à redução de empregos “ameaçados” pelas exportações, porém, sua contribuição para o

² Ver Castilho (2007).

³ Ou seja, calculamos o número de empregos associados ao valor das importações utilizando a tecnologia (quantidade de emprego/R\$) doméstica, o que corresponde a calcular os empregos dos setores concorrentes das importações que são ameaçados pelas mesmas.

⁴ Cortes, Jean e Pisani-Ferry (1996, p. 21) em sua análise sobre o impacto do comércio da França com os países em desenvolvimento afirmam considerar o cálculo do conteúdo de trabalho do comércio “*a useful benchmark*”. Para uma apresentação mais detalhada da metodologia e suas aplicações, ver a resenha em Castilho (2005). Para aplicações para o trabalho feminino, ver Kucera e Milberg (2000).

emprego total continua relativamente baixa.

No caso do emprego feminino, o peso do emprego associado ao comércio é ainda menor, devido ao fato que os setores em que o Brasil mais exporta ou importa terem uma pequena participação das mulheres. Neste caso, o saldo de empregos – 1,2 milhão em 2005 – corresponde a 3,5% do emprego total feminino e os empregos femininos associados às exportações e importações correspondem, respectivamente, à 27% e 30% do total de empregos associados aos fluxos de comércio.

Tabela 1. Conteúdo de emprego total e feminino no comércio exterior brasileiro, 1995 e 2005

	no. empregos (homens + mulheres)			no. empregos ocupados por mulheres		
	Exportação	Importação	Saldo	Exportação	Importação	Saldo
<i>média 1995/96</i>						
0 a 7	2,865,626	1,963,665	901,962	713,423	515,607	197,816
8 a 11	794,717	758,643	36,074	218,058	214,885	3,174
12 ou +	177,899	190,231	-12,332	49,746	53,265	-3,519
<i>TOTAL</i>	<i>3,838,242</i>	<i>2,912,538</i>	<i>925,704</i>	<i>981,227</i>	<i>783,757</i>	<i>197,470</i>
<i>2005</i>						
0 a 7	4,869,135	1,464,602	3,404,533	1,227,507	423,356	804,151
8 a 11	2,271,923	1,097,805	1,174,119	654,326	339,796	314,531
12 ou +	488,512	272,730	215,782	149,292	88,320	60,971
<i>TOTAL</i>	<i>7,629,570</i>	<i>2,835,137</i>	<i>4,794,433</i>	<i>2,031,125</i>	<i>851,472</i>	<i>1,179,653</i>

Fonte: IBGE, SECEX (para maiores detalhes, ver metodologia).
Elaboração própria.

Os números acima evidenciam que a participação da mulher no emprego que está associado direta e indiretamente aos fluxos de comércio é inferior à sua participação no mercado de trabalho doméstico em geral. Evidentemente, isto se deve ao fato de que sua participação difere segundo os setores e à composição do comércio brasileiro. Podemos ver isso a partir da próxima tabela aonde mostramos a composição do emprego total.⁵ Alguns setores são bastante “feminilizados”, tais como vestuário, têxtil e comércio/serviços prestados às famílias, cujo percentual de mulheres é superior a 70% do total da mão-de-obra. Aliás, em geral, a participação das mulheres no mercado de trabalho é maior no caso dos serviços do que no caso da indústria e agropecuária.

⁵ Conforme descrito na metodologia, a participação da mulher no emprego total foi utilizada para estimarmos o número de empregos femininos associados ao comércio.

Tabela 2. Composição do emprego no Brasil por sexo, 2005

setor	HOMEM	MULHER	TOTAL	Participação da mulher no total (%)
Agropecuária	10,463,069	2,897,191	13,360,260	21.7
Extrativa Mineral	248,197	21,290	269,487	7.9
Extração de Petróleo e Gás	44,392	3,466	47,858	7.2
Minerais Não-Metálicos	549,773	82,227	632,000	13.0
Siderurgia e Metalurgia	950,942	102,099	1,053,041	9.7
Máquinas e Tratores	512,355	72,212	584,567	12.4
Material Elétrico e Eletrônico	368,707	171,074	539,781	31.7
Material de transporte	518,940	86,904	605,844	14.3
Madeira e Mobiliário	979,901	137,220	1,117,121	12.3
Papel e Gráfica	418,666	157,528	576,194	27.3
Indústria da Borracha	91,630	14,934	106,564	14.0
Indústria Química	418,094	93,665	511,759	18.3
Refino do Petróleo	28,546	7,835	36,381	21.5
Farmacêutica e Perfumaria	159,950	117,310	277,260	42.3
Artigos de Plástico	194,502	66,863	261,365	25.6
Indústria Têxtil	252,682	596,780	849,462	70.3
Artigos do Vestuário	279,567	1,422,687	1,702,254	83.6
Fabricação de Calçados	433,677	373,365	807,042	46.3
Produtos Alimentares	1,275,733	813,379	2,089,112	38.9
Indústrias Diversas	210,519	260,990	471,509	55.4
Serv. Indust. Utilid. Pública	444,314	99,343	543,657	18.3
Construção Civil	5,378,745	129,734	5,508,479	2.4
Comércio	9,585,425	5,888,961	15,474,386	38.1
Comércio, Transportes	3,063,105	319,376	3,382,481	9.4
Comércio, Comunicações	465,984	251,863	717,847	35.1
Comércio, Instituições Financeiras	499,436	502,912	1,002,348	50.2
Comércio, Serv. Prest. às Famílias	3,804,562	11,553,392	15,357,954	75.2
Comércio, Serv. Prest. às Empresas	2,608,777	1,386,429	3,995,206	34.7
Aluguel de Imóveis, Comércio	535,727	168,791	704,518	24.0
Administração Pública	3,422,440	4,973,870	8,396,310	59.2
Serv. Priv. Não-Mercantis	301,526	604,500	906,026	66.7
Outros	182,433	15,713	198,146	7.9
TOTAL	48,692,316	33,393,903	82,086,225	40.7

Fonte: PNAD. Elaboração própria.

Dada esta composição no mercado de trabalho e a especialização comercial da economia brasileira, podemos ver adiante quais são os setores responsáveis por maior geração ou ameaça de empregos para as mulheres. O objetivo deste trabalho sendo de analisar a relações entre comércio e trabalho – tanto produtivo quanto reprodutivo – feminino, a partir daqui analisa-se de maneira detalhada aqueles setores que respondem juntamente por mais de 80% do emprego associado a cada um dos fluxos de comércio. Do lado das exportações, 7 setores são responsáveis por 80% do emprego, enquanto do lado das importações, o número de empregos ameaçado é mais disperso e 10 setores respondem por 81% do total. Os setores são aqueles que se encontram em negrito na tabela adiante. Vale ressaltar dois aspectos aqui. Em primeiro lugar, embora estamos trabalhando apenas com o comércio de bens, este se utiliza de

serviços e por isso, os fluxos de comércio têm impacto – positivo ou negativo – no emprego destes setores. Em segundo lugar, os setores fortemente intensivos em mão-de-obra acabam sendo responsáveis por um número elevado de empregos mesmo se seu peso no comércio não for muito elevado. Este é o caso do número de empregos na agropecuária “ameaçados” pelas importações: as importações dos produtos agrícolas são relativamente pequenas, porém, como este é um setor intensivo em mão-de-obra, o número de empregos é elevado relativamente aos demais setores (além, evidentemente, deste setor fornecer bens para muitos outros setores).

Pelo lado das exportações, os setores responsáveis pelo maior volume de emprego feminino são: agropecuária, comércio, comércio e serviços prestados às famílias, comércio e serviços prestados às empresas, fabricação de calçados, madeira e mobiliário. Pelo lado das importações, os setores que somam a maior parcela do emprego são: comércio, agropecuária, comércio e serviços prestados às famílias, comércio e serviços prestados às empresas, indústrias diversas, artigos de vestuário, material elétrico e eletrônico, indústria têxtil, administração pública e siderurgia e metalurgia.

Tabela 3. Conteúdo de trabalho feminino no comércio exterior brasileiro. 2005

Setor	no. empregos totais femininos	no. de empregos femininos				Saldo
		Exportação	% no emprego fem. total	Importação	% no emprego fem. total	
Agropecuária	2,897,191	651,378	22.5	121,445	4.2	529,933
Extrativa Mineral	21,290	20,661	97.0	3,537	16.6	17,124
Extração de Petróleo e Gás	3,466	876	25.3	1,483	42.8	(607)
Minerais Não-Metálicos	82,227	11,649	14.2	5,829	7.1	5,820
Siderurgia e Metalurgia	102,099	39,835	39.0	19,192	18.8	20,643
Máquinas e Tratores	72,212	23,080	32.0	18,651	25.8	4,429
Material Elétrico e Eletrônico	171,074	16,057	9.4	29,469	17.2	(13,412)
Material de transporte	86,904	21,852	25.1	10,544	12.1	11,308
Madeira e Mobiliário	137,220	50,137	36.5	7,153	5.2	42,983
Papel e Gráfica	157,528	26,981	17.1	11,481	7.3	15,500
Indústria da Borracha	14,934	2,443	16.4	1,788	12.0	654
Indústria Química	93,665	9,309	9.9	9,624	10.3	(315)
Refino do Petróleo	7,835	1,654	21.1	1,617	20.6	37
Farmacêutica e Perfumaria	117,310	3,309	2.8	9,428	8.0	(6,119)
Artigos de Plástico	66,863	15,370	23.0	13,331	19.9	2,039
Indústria Têxtil	596,780	46,099	7.7	26,848	4.5	19,251
Artigos do Vestuário	1,422,687	32,951	2.3	44,598	3.1	(11,647)
Fabricação de Calçados	373,365	144,549	38.7	12,708	3.4	131,841
Produtos Alimentares	813,379	132,445	16.3	16,128	2.0	116,318
Indústrias Diversas	260,990	26,251	10.1	47,357	18.1	(21,105)
Serv. Indust. Utilid. Pública	99,343	5,009	5.0	2,856	2.9	2,153
Construção Civil	129,734	570	0.4	391	0.3	179
Comércio	5,888,961	413,456	7.0	230,206	3.9	183,250
Comércio, Transportes	319,376	28,837	9.0	14,975	4.7	13,862
Comércio, Comunicações	251,863	4,326	1.7	2,848	1.1	1,478
Comércio, Instituições Financeiras	502,912	21,209	4.2	13,395	2.7	7,814
Comércio, Serv. Prest. às Famílias	11,553,392	163,240	1.4	95,633	0.8	67,607
Comércio, Serv. Prest. às Empresas	1,386,429	75,591	5.5	53,428	3.9	22,163
Aluguel de Imóveis, Comércio	168,791	933	0.6	569	0.3	364
Administração Pública	4,973,870	41,069	0.8	24,961	0.5	16,108
Outros	620,213	-	-	-	-	-
SUBTOTAL (Indústria e agropecuária)	7,499,019	1,276,886	17.0	412,211	5.5	864,675
TOTAL	33,393,903	2,031,125	6.1	851,472	2.5	1,179,653

Fonte: PNAD, SECEX. Elaboração própria.

3. Características do mercado de trabalho para setores seleccionados

Antes de analisar a evolução do mercado de trabalho para os setores mais relevantes do ponto de vista do emprego para o comércio exterior, gostaríamos de chamar a atenção para qual parte da população estamos nos referindo. Do total de 152,7 milhões de pessoas com 10 anos ou mais de idade, 96 milhões (63% do total) são economicamente ativas. Destas, 82 milhões (54% do total) encontram-se empregadas. No caso das mulheres, o percentual de inativas é maior (47% do total das mulheres), fazendo com que o percentual de ativas e empregadas (53% e 42% do total de mulheres) seja bem inferior ao dos homens (74% e 66% do total de homens, respectivamente). Em outras palavras, as mulheres estão sub-representadas no

mercado de trabalho (43%) relativamente ao seu peso na população total (52%). Daqui em diante, estaremos nos referindo ao universo de 33,4 milhões de mulheres e 48,7 homens ocupados.

Tabela 4. Características da população brasileira, 2005

	Total pessoas	Homem		Mulher		Mulher/ Total
		no.pessoas	%	no.pessoas	%	
Total	152.7	73.8	100	78.9	100	52
Economicamente ativa	96.0	54.3	74	41.7	53	43
<i>Empregadas</i>	82.1	48.7	66	33.4	42	41
Não economicamente ativa	56.7	19.5	26	37.2	47	66

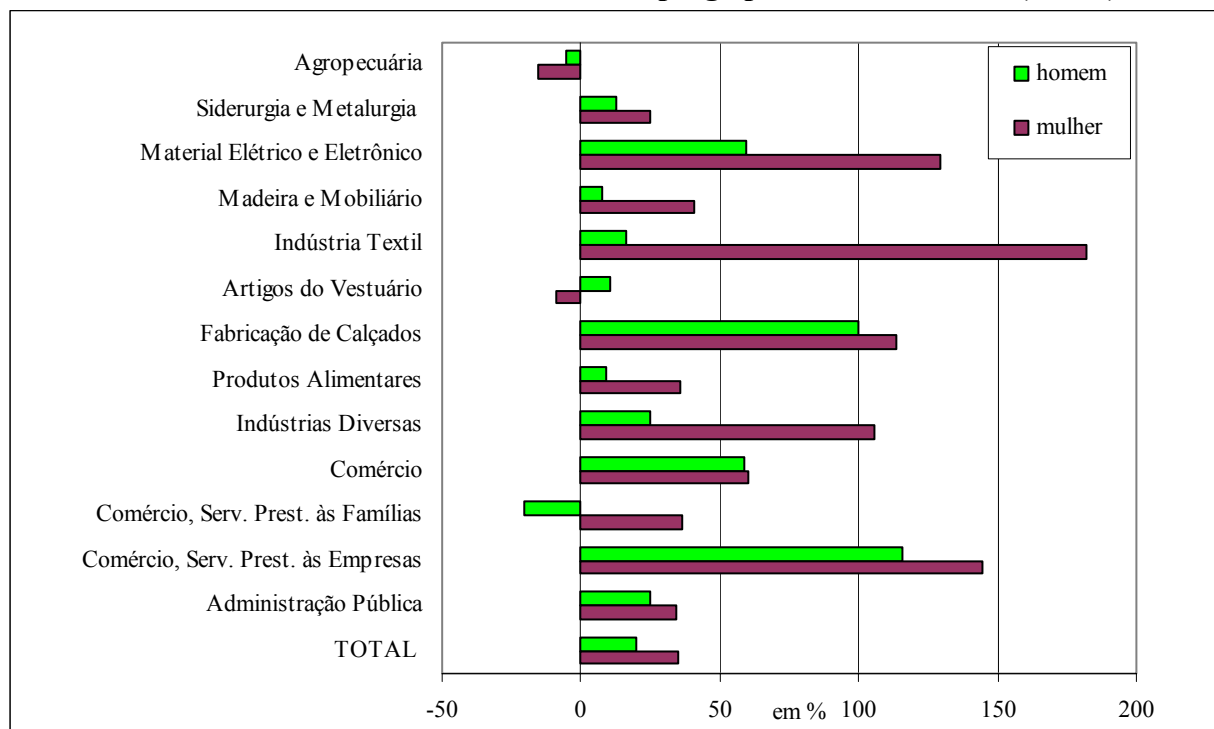
Obs.: Pessoas de 10 anos ou mais de idade

3.1. Emprego

O emprego feminino cresceu de forma mais acentuada entre 1995 e 2005 (35%) do que o emprego masculino (20%), o que explica sua maior taxa de participação no último ano relativamente ao início do período (40,7% contra 37,8%). Embora esta tendência não tenha sido observada em todos os setores, a redução da participação feminino em determinados setores foi bem mais *suave* do que o aumento em tantos outros – ver, por exemplo, a queda de 2% no caso da agropecuária e o aumento de 20,9% no caso da indústria têxtil. Este fato fica mais evidente a partir do

Gráfico 1.

Gráfico 1. Crescimento acumulado do emprego por ex o, 1995-2005 (em %)



Os setores que apresentaram taxas de crescimento inferiores à taxa de crescimento do emprego feminino total foram agropecuária e vestuários, cujo volume de emprego feminino regrediu entre 1995 e 2005, e siderurgia e metalurgia, além de administração pública, cujas taxas de crescimento foram inferiores ao crescimento de emprego total. Ou seja, dos 7 setores exportadores apenas 1 apresentou crescimento inferior ao crescimento do emprego total feminino, enquanto do lado das importações, isto ocorreu em 3 setores. Por outro lado, o crescimento do emprego feminino foi superior ao crescimento do emprego masculino em todos os setores, exceto agropecuária e vestuário.

Tabela 5. Evolução do emprego no Brasil para setores selecionados por sexo, 1995-2005 (em %)

setor	1995				2005			
	homem	mulher	total	% mulheres no total	homem	mulher	total	% mulheres no total
Agropecuária	27.3	13.9	22.2	23.7	21.5	8.7	16.3	21.7
Siderurgia e Metalurgia	2.1	0.3	1.4	8.8	2.0	0.3	1.3	9.7
Material Elétrico e Eletrônico	0.6	0.3	0.5	24.4	0.8	0.5	0.7	31.7
Madeira e Mobiliário	2.2	0.4	1.5	9.7	2.0	0.4	1.4	12.3
Indústria Têxtil	0.5	0.9	0.7	49.4	0.5	1.8	1.0	70.3
Artigos do Vestuário	0.6	6.3	2.8	86.1	0.6	4.3	2.1	83.6
Fabricação de Calçados	0.5	0.7	0.6	44.7	0.9	1.1	1.0	46.3
Produtos Alimentares	2.9	2.4	2.7	33.9	2.6	2.4	2.5	38.9
Indústrias Diversas	0.4	0.5	0.5	42.9	0.4	0.8	0.6	55.4
Comércio	14.8	14.9	14.8	37.8	19.7	17.6	18.9	38.1
Comércio, Serv. Prest. às Famílias	11.8	34.3	20.3	63.9	7.8	34.6	18.7	75.2
Comércio, Serv. Prest. às Empresas	3.0	2.3	2.7	32.0	5.4	4.2	4.9	34.7
Administração Pública	6.7	15.0	9.8	57.4	7.0	14.9	10.2	59.2
TOTAL (em %)	100.0	100.0	100.0	37.8	100.0	100.0	100.0	40.7

Fonte: PNAD (1995, 2005). Elaboração própria.

3.2. Educação

Como pode-se ver a partir da tabela a seguir, a mão-de-obra feminina é mais qualificada do que a masculina e o grau de escolaridade vem crescendo para a população como um todo. A tendência à maior qualificação observa-se em todos os setores, a única exceção sendo a indústria têxtil e indústrias diversas, aonde apesar do peso dos menos qualificados ter diminuído entre 1995 e 2005, cai também o peso dos mais qualificados (12 anos ou mais) – ou seja, há uma concentração na categoria de qualificação intermediária.

Quanto à maior qualificação da mão-de-obra feminina relativamente à masculina, esta característica não é observada em todos os setores analisados: agropecuária, têxtil, vestuário e comércio/serviços prestados às famílias apresentam percentuais de mulheres com baixa qualificação superiores ao percentual dos homens. Destes quatro setores, dois figuram entre os maiores geradores de emprego pelas exportações e três entre aqueles concorrentes com as importações. Vale assinalar também que, dos quatro setores assinalados, apenas o setor agropecuário é majoritariamente masculino; os outros são fortemente feminilizados (com a mão de obra feminina representando entre 70% e 85% do emprego total).

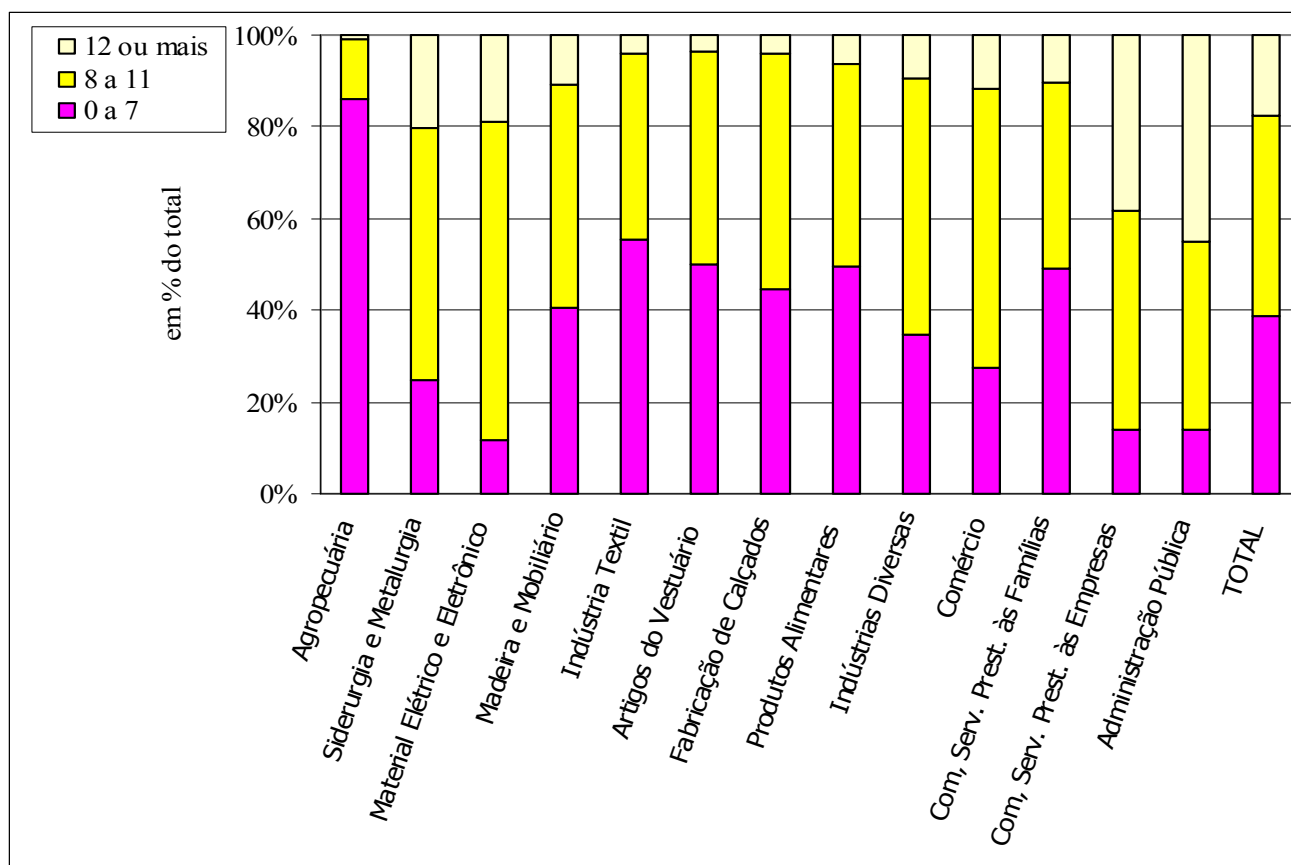
Tabela 6. Evolução da escolaridade por sexo

anos de estudo	1995		2005	
	Homem	Mulher	Homem	Mulher
0 a 7	69.0	58.4	50.8	38.5
8 a 11	23.4	29.2	38.2	43.2
12 ou mais	7.3	11.3	10.4	17.3
não ident.	0.4	1.1	0.7	1.1
<i>Total</i>	<i>100.0</i>	<i>100.0</i>	<i>100.0</i>	<i>100.0</i>

Fonte: PNAD (1995, 2005). Elaboração própria.

Uma análise mais detalhada do perfil de qualificação dos setores selecionados mostra que, de uma maneira geral, os setores associados às exportações utilizam *relativamente* mais mão-de-obra de baixa qualificação do que aqueles que competem com as importações. Este fato reflete a especialização comercial do Brasil, que faz com que o país seja exportador líquido de mão-de-obra e, sobretudo, mão-de-obra de baixa qualificação.⁶

Gráfico 2. Distribuição da mão-de-obra feminina segundo qualificação (anos de estudo) e setores selecionados, 2005



⁶ Ver Castilho (2007) para maiores detalhes.

3.3. Jornada de trabalho

Existe uma diferença importante da jornada de trabalho de homens e de mulheres: em média e para quase a totalidade dos setores⁷, as mulheres têm uma jornada de trabalho inferior à dos homens. Quando se analisa a distribuição da mão-de-obra por faixa de jornada de trabalho (ver Tabela 20 em anexo), vê-se que 93,2% dos homens se localizam nas faixas de mais de 44 horas e de 40 a 44 horas semanais, enquanto as mulheres localizadas nestas faixas correspondem a 81,6% do total. O percentual de mulheres com jornada parcial de trabalho – de 10 a 20 horas de trabalho semanais – é particularmente elevada: 13,5%, contra 5,2% dos homens.

Em termos de evolução, existe uma tendência comum a homens e mulheres a reduzir a jornada média de trabalho, porém, esta tendência é mais forte entre as mulheres.

Tabela 7. Jornada de trabalho média dos empregados com mais de 10 anos de idade, por sexo e setores selecionados, 1995 e 2005 (no. de horas semanais)

SETOR	1995		2005	
	HOMEM	MULHER	HOMEM	MULHER
Agropecuária	44.1	33.4	42.0	31.6
Siderurgia e Metalurgia	44.2	41.5	44.1	40.0
Material Elétrico e Eletrônico	43.2	42.8	43.6	41.9
Madeira e Mobiliário	45.2	37.4	44.9	40.0
Indústria Têxtil	43.3	38.0	44.4	31.0
Artigos do Vestuário	42.1	35.9	44.0	38.2
Fabricação de Calçados	43.6	42.6	43.8	43.2
Produtos Alimentares	47.5	39.5	45.1	35.7
Indústrias Diversas	42.4	38.2	41.7	32.5
Comércio	46.2	39.3	45.8	39.6
Comércio, Serv. Prest. às Famílias	46.0	39.9	43.3	37.2
Comércio, Serv. Prest. às Empresas	43.6	38.5	42.7	38.7
Administração Pública	40.6	33.1	39.7	34.0
TOTAL	44.8	37.5	43.7	36.9

Fonte: PNAD (1995, 2005). Elaboração própria.

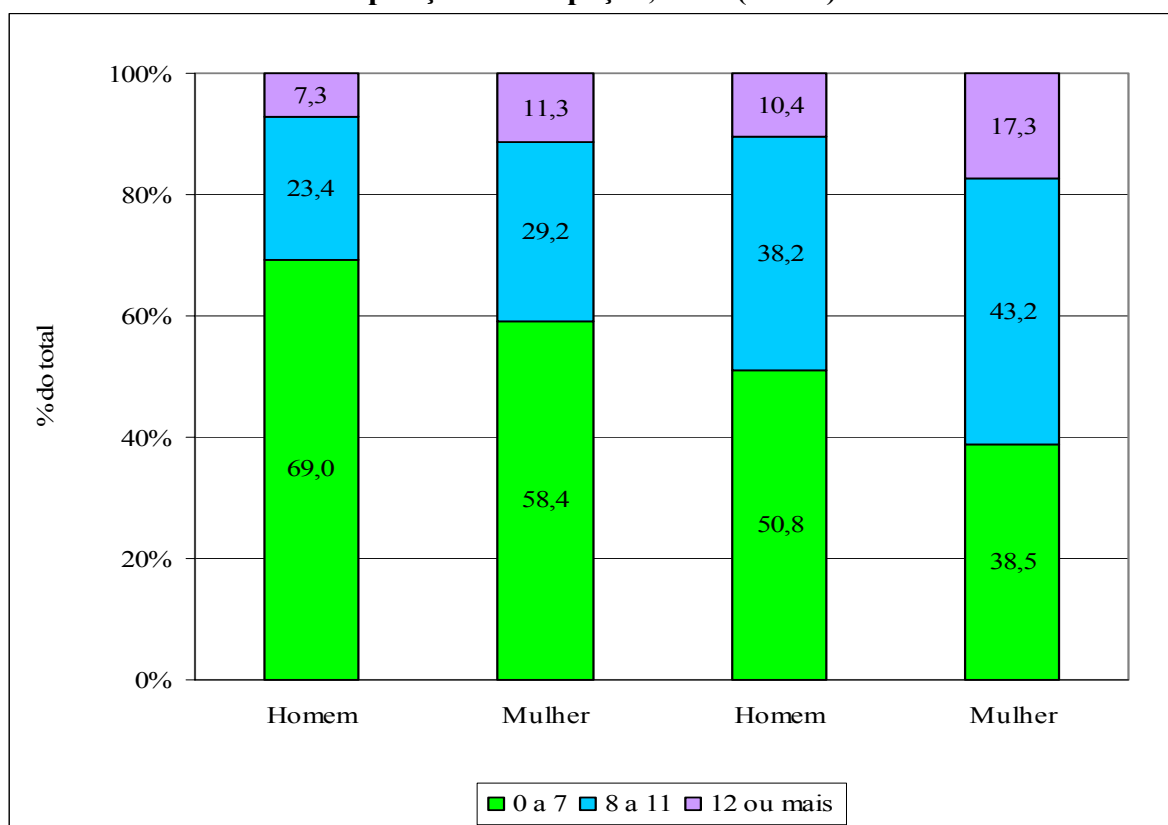
Dentre os setores, existem diferenças relativamente marcantes: as diferenças de jornada de trabalho entre homens e mulheres são bastante acentuadas para agropecuária e têxtil, e, no outro extremo, bem menores para material elétrico e eletrônico e calçados. Não existe, contudo, uma diferença marcada entre setores associados às exportações e aqueles associados às importações. A distinção também não é marcante se considerarmos o grau de feminilização dos setores.

⁷ A única exceção fica por conta de material de transporte.

3.4. Relação contratual (posição na ocupação)

As categorias analisadas a seguir fornecem, em alguma medida, o grau de precariedade do emprego, na medida em que refletem o tipo de contrato e, por consequência, o acesso à proteção trabalhista. Os dados agregados para homens e mulheres apresentados no gráfico a seguir, denotam uma forte diferença entre homens e mulheres. A maioria dos homens é empregada com ou sem carteira ou ainda conta própria. No caso das mulheres, o peso das empregadas com carteira é bastante elevado, porém, a segunda categoria aqui representada como “outros”. Esta categoria reúne empregadas domésticas com e sem carteira – que respondem a, respectivamente, 4,7% e 13,9% do total -, funcionários públicos estatutários – 9,3% do total – e militares. Estes últimos são insignificantes para as mulheres, porém, respondem por quase a totalidade da categoria “outros” para os homens. Vale assinalar ainda que, por um lado, o percentual de empregadores é muito maior do que o de empregadoras e, por outro, o peso de mulheres “sem remuneração”⁸ é o dobro do caso dos homens.

Gráfico 3. Distribuição da mão-de-obra empregada com mais de 10 anos por sexo e posição na ocupação, 2005 (em %)



Relativamente a 1995, as maiores mudanças no tipo de relação contratual para mulheres foram o aumento dos empregados com e sem carteira compensados pela queda dos sem remuneração e dos “outros”.⁹ No caso dos homens, as mudanças foram menos intensas e a

⁸ Esta categoria reúne tanto aquelas pessoas que ajudam no trabalho da casa que moram, que trabalham para consumo e construção próprios e ainda outros, como aprendiz ou estagiário ou trabalho voluntário a instituições religiosas, beneficentes ou de cooperativismo.

⁹ Dentre os outros, houve um aumento da formalização das empregadas domésticas, porém, o total decresceu.

mais marcante foi ao aumento dos empregados com carteira.

O tipo de relação contratual difere bastante entre os setores, mas também entre homens e mulheres. A tabela a seguir apresenta apenas as informações referentes às mulheres. Alguns setores são caracterizados por manterem uma proporção elevada de empregados com carteira, como siderurgia e metalurgia, material elétrico e eletrônico, madeira e mobiliário e fabricação de calçados. Nestes setores, tanto a mão-de-obra feminina quanto a masculina apresentam características semelhantes (em um pouco menor medida para madeira e mobiliário). Outros setores contam com um percentual elevado de empregadores “conta própria”: é o caso de têxtil, vestuário e indústrias diversas. Chama a atenção nestes setores a diferença do tipo de contrato para homens e mulheres: nos três casos, mais de metade da mão-de-obra masculina é de empregados com carteira. No caso das indústrias têxteis e vestuário, o percentual elevado de conta própria se explica pelo alto contingente de costureiras que trabalham como autônomas. Finalmente, o setor que apresenta maior disparidade entre o perfil dos contratos para homens e mulheres é a agricultura. Neste setor, 62% da mão-de-obra feminina é sem remuneração. Para a força de trabalho como um todo, o percentual de “sem remuneração” é normalmente alto devido ao volume de trabalho voltado para consumo próprio. Porém, no caso das mulheres, este percentual é muito maior (apenas 15,8% dos homens empregados na agricultura se encontram “sem remuneração”).¹⁰

Tabela 8. Distribuição da mão-de-obra feminina empregada com mais de 10 anos por setor e posição na ocupação, 2005

Setor	Empregado c/ carteira	Empregado s/ carteira	Conta própria	Empregador	Sem Remun.	Outros	Total
Agropecuária	6.0	11.7	18.5	1.6	62.3	0.0	100.0
Siderurgia e Metalurgia	63.8	12.1	11.3	7.3	5.5	0.0	100.0
Material Elétrico e Eletrônico	82.9	12.4	2.3	2.0	0.4	0.0	100.0
Madeira e Mobiliário	62.6	10.5	18.1	2.9	5.8	0.0	100.0
Indústria Têxtil	22.9	7.9	64.9	1.4	2.9	0.0	100.0
Artigos do Vestuário	30.5	15.7	48.6	3.5	1.7	0.0	100.0
Fabricação de Calçados	68.6	19.9	6.5	3.2	1.8	0.0	100.0
Produtos Alimentares	36.4	15.7	30.0	3.3	14.6	0.1	100.0
Indústrias Diversas	21.0	12.2	58.9	2.9	5.1	0.0	100.0
Comércio	39.2	14.8	32.0	6.8	7.1	0.0	100.0
Comércio, Serv. Prest. às Famílias	18.5	9.8	13.7	2.2	1.7	54.0	100.0
Comércio, Serv. Prest. às Empresas	60.2	18.2	13.9	4.7	1.3	1.6	100.0
Administração Pública	18.3	22.5	0.0	0.0	0.3	58.8	100.0
TOTAL	28.9	14.3	17.8	2.9	8.2	27.9	100.0

Fonte: PNAD (1995, 2005). Elaboração própria.

Também foi reduzido o número de funcionárias públicas entre 1995 e 2005.

¹⁰ Ver Melo e Sabbato (2006).

3.5. Renda e diferencial de renda

Como constatado por diversos autores¹¹, a renda auferida pelas mulheres é sistemática e historicamente inferior à dos homens, embora este diferencial venha caindo ao longo do tempo. Os dados apresentados na tabela a seguir atestam esta tendência: para a totalidade dos empregados, o salário horário feminino que correspondia em 1995 a 61% do salário horário masculino passou a representar 73% em 2005.¹² Ou seja, uma redução de 30% no diferencial de renda entre a renda feminina e masculina. A redução do diferencial resulta de uma evolução mais favorável do salário feminino do que do masculino. Comparando-se os rendimentos horários femininos e masculinos entre 1995 (em valores de 2005) e 2005, vê-se que enquanto houve uma pequena redução de 4% no rendimento médio masculino, o rendimento médio feminino aumentou em 10%.

As diferenças dos rendimentos entre os setores são bastante acentuadas. A agropecuária é o setor cujos salários são mais baixos – R\$ 2,33 para homens e menos de R\$ 1,00 para mulheres – e no qual a diferença entre rendimentos por sexo é mais acentuada. Os rendimentos mais altos – tanto para homens quanto para mulheres – dentre os setores selecionados se encontram em serviços - administração pública e comércio, serviços prestados às empresas – e na indústria elétrica e eletrônica.¹³ Nestes setores, o diferencial de rendimentos de homens e mulheres é relativamente reduzido. Dentre os setores selecionados, um setor remunera melhor as (poucas) mulheres que nele trabalham: é a indústria siderúrgica e metalúrgica. Um outro setor se destaca pela quase inexistência de diferença de rendimentos – é madeira e mobiliário.

No outro extremo, chama a atenção o grande diferencial de rendimentos – além da agropecuária já mencionada – das indústrias têxtil e vestuário assim como o setor comércio, serviços prestados às famílias. Neste último setor, a principal razão para esta grande diferença de rendimentos reside no baixo salário pago às empregadas domésticas.

¹¹ Ver por exemplo Bruschini (2000).

¹² Devido às diferenças de jornada de trabalho entre homens e mulheres, analisadas anteriormente neste trabalho, é melhor se utilizar o salário horário do que o mensal.

¹³ Se considerarmos a totalidade dos setores, aquele que apresenta maior rendimento para as mulheres é Extração de Petróleo e Gás, no qual, ao contrário dos demais os rendimentos femininos são superiores aos dos homens. Infelizmente, as mulheres ocupam apenas 7,4% dos postos de trabalho deste setor.

Tabela 10. Renda horária de homens e mulheres para setores selecionados, 1995 e 2005

Tabela 9. Renda horária de homens e mulheres para setores selecionados, 1995 e 2005	1995			2005		
	HOMEM	MULHER	DIFEREN- CIAL	HOMEM	MULHER	DIFEREN- CIAL
	RENDA P/ HORA TRAB.	RENDA P/ HORA TRAB.	HOMEM/ MULHER	RENDA P/ HORA TRAB.	RENDA P/ HORA TRAB.	HOMEM/ MULHER
SETOR						
Agropecuária	2.14	0.59	0.28	2.33	0.96	0.41
Siderurgia e Metalurgia	7.38	5.20	0.70	5.69	6.65	1.17
Material Elétrico e Eletrônico	9.88	5.03	0.51	7.26	5.95	0.82
Madeira e Mobiliário	4.24	2.47	0.58	4.00	3.93	0.98
Indústria Têxtil	7.64	3.32	0.43	4.30	2.31	0.54
Artigos do Vestuário	4.87	2.87	0.59	6.22	2.93	0.47
Fabricação de Calçados	4.18	2.61	0.62	4.40	2.86	0.65
Produtos Alimentares	4.85	3.75	0.77	3.79	2.91	0.77
Indústrias Diversas	6.74	3.38	0.50	4.50	3.04	0.68
Comércio	6.17	4.01	0.65	4.86	3.75	0.77
Comércio, Serv. Prest. às Famílias	5.81	3.20	0.55	6.79	3.69	0.54
Comércio, Serv. Prest. às Empresas	11.31	8.21	0.73	8.53	6.70	0.79
Administração Pública	8.70	6.40	0.74	9.39	7.20	0.77
TOTAL (1)	5.36	3.85	0.61	5.12	4.25	0.73

Nota: Os valores de 1995 foram atualizados pelo IPCA (IBGE) acumulado entre 1996 e 2005. (1) A razão para o total da economia corresponde à média das razões por faixa educacional para o total da economia.

Fonte: PNAD (1995, 2005). Elaboração própria.

3.6. Rotatividade

A rotatividade do emprego, medida aqui pelo tempo de permanência médio dos trabalhadores em seus empregos apresentou uma leve redução entre 1995 e 2005, sendo a redução mais importante para os homens. Em 2005, os homens declararam ter um tempo médio no emprego de 7,9 anos contra 6,6 para mulheres. Ou seja, o tempo de permanência das mulheres no emprego é cerca de 15% inferior ao tempo médio dos homens.

Os dois setores cuja permanência é maior – tanto para homens quanto para mulheres – são agropecuária e administração pública, sendo que no primeiro caso, o tempo médio das mulheres é maior. Dado o número de empregadas que trabalham sem remuneração e que possivelmente estão trabalhando para consumo da própria família, não é surpreendente que, neste caso, o tempo de permanência delas no emprego supere o dos homens. No tocante à administração pública, a estabilidade da maior parte do funcionalismo público consiste na principal razão para um tempo tão elevado. Por outro lado, o setor que apresenta maior rotatividade é o de calçados cujo tempo médio de permanência no emprego é de 4,3 anos para os homens e 3,8 para mulheres.

Na maioria dos setores, os homens têm um tempo de permanência maior do que as mulheres, com apenas duas exceções: os setores têxtil e o vestuário. Neste último, o tempo médio no emprego para as mulheres de 9,1 anos, superando em 63% o tempo médio para os homens. Outro ponto de divergência é o fato do tempo médio de permanência dos homens nos empregos ser bem mais homogêneo entre setores do que no caso das mulheres.

Tabela 11. Tempo de trabalho médio dos empregados com mais de 10 anos por sexo e setores selecionados, 1995 e 2005 (em anos)

SETOR	1995		2005	
	HOMEM	MULHER	HOMEM	MULHER
Agropecuária	10.9	12.3	11.8	13.3
Siderurgia e Metalurgia	6.3	4.2	6.5	5.4
Material Elétrico e Eletrônico	5.7	3.8	6.0	4.4
Madeira e Mobiliário	6.1	6.7	6.5	5.1
Indústria Têxtil	7.1	7.3	6.1	7.6
Artigos do Vestuário	6.5	9.1	5.6	9.1
Fabricação de Calçados	4.2	3.4	4.3	3.8
Produtos Alimentares	5.0	3.9	5.7	5.6
Indústrias Diversas	5.8	5.7	6.3	6.3
Comércio	5.5	4.2	6.1	4.6
Comércio, Serv. Prest. às Famílias	5.7	4.1	6.2	4.9
Comércio, Serv. Prest. às Empresas	5.7	4.0	5.9	4.9
Administração Pública	9.1	8.8	10.2	9.9
TOTAL	7.6	6.5	7.9	6.6

Fonte: PNAD (1995, 2005). Elaboração própria.

3.7. Contribuição e beneficiários da Seguridade Social

O percentual de mulheres ocupadas que contribuem para a previdência social no Brasil é superior ao percentual dos homens, apesar de ambos terem crescido ao longo dos últimos dez anos. Mais uma vez, a agropecuária se destaca dos demais setores, com um percentual extremamente baixo – mais ainda para as mulheres – de contribuintes para a previdência social. Este setor é, como mostrado anteriormente, um setor onde as relações de trabalho são pouco formalizadas. Por esta razão, foi criada a aposentadoria rural, que garante aos agricultores o recebimento de uma pensão a partir de 60 anos. Possivelmente esta medida tem desencorajado qualquer formalização dos empregos rurais mas, ao mesmo tempo, tem sido responsável por uma forte redução da pobreza nas áreas rurais.

No outro extremo, com um alto percentual de contribuintes para a previdência social, encontra-se logicamente a administração pública, mas também os setores eletro-eletrônico e siderurgia e metalurgia.

Os setores onde as diferenças entre mulheres e homens são mais marcantes são as indústrias têxtil e vestuário assim como o setor comércio, serviços prestados às famílias. Enquanto o último setor se explica basicamente pelo baixo grau de formalização das empregadas domésticas, os dois primeiros se caracterizam, como visto anteriormente, por um elevado contingente de trabalhadoras por conta própria e por rendimentos femininos bastante inferiores aos masculinos.

No que se refere aos benefícios da previdência social, como está se trabalhando com o universo de ocupados com mais de 10 anos, o percentual de trabalhadores que já recebem benefícios da previdência social se restringe a 6% dos homens e 10% das mulheres (dados para 2005).

Tabela 12. Porcentual de empregados que contribuem para a previdência social por sexo e setores selecionados, 1995 e 2005

SETOR	1995		2005	
	HOMEM	MULHER	HOMEM	MULHER
Agropecuária	13.3	5.3	17.6	9.1
Siderurgia e Metalurgia	79.2	92.4	74.1	72.0
Material Elétrico e Eletrônico	91.0	91.3	85.9	88.2
Madeira e Mobiliário	48.1	43.7	56.5	66.8
Indústria Têxtil	83.5	58.3	77.7	25.8
Artigos do Vestuário	51.0	31.0	65.4	39.4
Fabricação de Calçados	79.8	75.8	78.1	71.8
Produtos Alimentares	74.7	49.8	64.7	40.6
Indústrias Diversas	71.1	55.8	46.4	26.3
Comércio	51.3	43.6	50.4	49.1
Comércio, Serv. Prest. às Famílias	46.9	32.1	49.3	37.9
Comércio, Serv. Prest. às Empresas	73.1	70.1	70.6	74.6
Administração Pública	77.2	86.8	83.7	90.6
TOTAL	46.4	44.2	49.6	50.6

Fonte: PNAD (1995, 2005). Elaboração própria.

4. Outras características das pessoas e das famílias

4.1. Afazeres domésticos (trabalho reprodutivo)

Uma das formas de se medir a quantidade de trabalho reprodutivo é utilizar as informações acerca da realização de tarefas domésticas (afazeres domésticos) declaradas pelos trabalhadores e trabalhadoras.¹⁴ Do total de homens e mulheres com 10 anos ou mais, cerca de 72% declara fazer algum tipo de tarefa doméstica. Como vemos a partir da próxima tabela, no entanto, o percentual de mulheres declarantes é muito superior ao dos homens: 91% contra 51%. A população total em idade ativa se divide em ocupados, desocupados ou desempregados e inativos (ou não economicamente ativos). Este último grupo é composto daqueles indivíduos que não estão à busca de emprego, seja por estarem aposentados, seja por não o quererem ou poderem – no caso das mulheres, uma parte grande corresponde às donas de casa.

Do universo dos ocupados em 2005, 68% dessa população realiza tarefas domésticas. A disparidade entre homens e mulheres que declaram realizar afazeres domésticos é, como nos demais casos, muito superior ao percentual dos homens: 91% das mulheres ocupadas declaram executar tarefas domésticas para 51% dos homens.

Os desocupados são aqueles que dedicam menos tempo às tarefas domésticas, talvez por estarem procurando emprego. Dentre as mulheres desocupadas, 60% declaram realizar estas tarefas, enquanto apenas 44% dos homens desocupados declaram realizar tarefas domésticas.

Já as pessoas que estão “fora” do mundo do trabalho dedicam um número maior de horas para o trabalho reprodutivo do que as demais. Porém, novamente, as diferenças entre os sexos no que se refere ao tempo dedicado a afazeres domésticos são muito importantes. Em primeiro lugar, vale assinalar que a população considerada inativa é quase 66% composta por mulheres. Deste contingente feminino, 97% declara realizar afazeres domésticos, o que se explica pelo fato deste grupo ser majoritariamente formado pelas donas de casa. Este percentual é muito superior ao percentual de homens inativos que declaram realizar atividades domésticas (53%).

¹⁴ Esta informação passou a constar da Pesquisa Nacional por Amostra Domiciliar (PNAD) somente em 2001. A informação que consta diz respeito à realização ou não de afazeres e à quantidade de horas semanais a eles dedicados. Uma análise mais detalhada encontra-se em Melo e Castilho (2007), em relatório preparado para outra parte deste mesmo projeto de pesquisa.

Tabela 13. População que declara realizar afazeres domésticos, segundo atividade e sexo, 2005

	HOMEM				MULHER			
	Não economicamente ativa	Pop. Economica-mente ativa (PEA)		TOTAL (PIA)	Não economicamente ativa	Pop. Economica-mente ativa (PEA)		TOTAL (PIA)
		Desocupada	Ocupada			Desocupada	Ocupada	
<i>TOTAL (1)</i>	19,496	5,599	48,692	73,787	37,201	8,347	33,394	78,943
...e que declaram realizar algum tipo de afazeres domésticos	10,250	2,479	25,009	37,738	35,961	5,039	30,514	71,513
<i>% do TOTAL (coluna)</i>	52.6	44.3	51.4	51.1	96.7	60.4	91.4	90.6
<i>% do total de declarantes por sexo</i>	27.2	6.6	66.3	100.0	50.3	7.0	42.7	100.0

Notas: (1) Pessoas de 10 anos ou mais de idade. PIA = População em idade ativa (acima de 10 anos). Fonte: IBGE e PNAD/IBGE. Elaboração própria.

Além do número de mulheres que declaram realizar afazeres domésticos ser muito elevado, o tempo por elas dedicado é bastante superior ao dedicado pelos homens. Como pode-se ver pela tabela 13, enquanto o número médio de horas despendido pelos homens em afazeres domésticos vai de 9 a 12,7 horas semanais, as mulheres despendem nessas tarefas entre 20,8 e 28,6 horas semanais. As mulheres ocupadas dedicam em média 20,8 horas semanais a afazeres enquanto as desocupadas e inativas, consagram mais de 28 horas semanais. Ou seja, quando elas não se encontram inseridas no mercado de trabalho, o tempo dedicado a afazeres aumenta de 40%. No caso dos homens, o tempo médio passa de 9 horas para 12,7 se eles ficarem desempregados (ou seja, crescimento equivalente de 40%) e para 11 horas caso se tornem inativos. Em suma, o diferencial entre homens e mulheres continua elevado independente de sua inserção no mercado de trabalho – as mulheres economicamente ativas trabalham 130% a mais do que os homens e as inativas, 160% a mais.

Tabela 14. Número de horas semanais dedicadas a afazeres domésticos, por faixa de horas, sexo e atividade, 2005

No. de horas semanais dedicadas a afazeres domésticos	HOMEM			MULHER		
	Não economicamente ativa	Pop. Economicamente ativa		Não economicamente ativa	Pop. Economicamente ativa	
		Desocupada	Ocupada		Desocupada	Ocupada
0 A - DE 5	2.53	2.57	2.59	2.66	2.80	2.86
5 A - DE 10	6.55	6.61	6.56	6.69	6.68	6.72
10 A - DE 20	12.41	12.53	12.28	13.10	13.30	13.10
20 A - DE 30	22.18	22.16	21.73	23.07	22.98	22.70
30 A - DE 40	32.07	32.03	31.74	32.60	32.67	32.24
40 E MAIS	49.44	48.01	46.24	51.53	51.00	47.46
TOTAL	11.07	12.68	9.06	28.49	28.64	20.84

Fonte: IBGE, PNAD/IBGE.

Em seguida, busca-se analisar o tempo despendido e do número de pessoas ocupadas que declaram realizar afazeres domésticos segundo os setores selecionados a fim de ver não somente a diferença entre os setores mas também buscar ver se existe alguma relação entre comércio exterior e tempo de trabalho gasto com tarefas domésticas. Como pode-se ver a

partir da tabela a seguir, entre os homens, tanto a parcela de ocupados que realizam algum tipo de tarefa quanto a quantidade de horas dedicadas aos afazeres é relativamente constante.

No caso das mulheres, a variabilidade entre os setores destas duas variáveis é maior. No que se refere ao percentual de mulheres ocupadas que declaram realizar afazeres domésticos, ele varia de 86% a 98%, sendo que o percentual mais elevado é observado no setor agropecuário.

A variabilidade do número de horas declaradas é maior: ele vai de 16,7 horas no caso do comércio, serviços prestados às empresas a 25 horas semanais na agropecuária. A importância dos afazeres domésticos declarados pelas mulheres ocupadas na agropecuária se junta às informações sobre tipo de contrato para reforçar a hipótese de que as mulheres na agricultura trabalham bastante, porém, seu trabalho é considerado de forma diferenciada do trabalho masculino. Ele é considerado como tarefa doméstica e, não, como trabalho ou ocupação.

Os dados não revelam, a princípio, nenhuma relação direta entre comércio exterior e tempo dedicado ao trabalho doméstico.

Tabela 15. Pessoas ocupadas com mais de 10 anos que declaram realizar afazeres domésticos e quantidade de horas declaradas por sexo e setores selecionados, 2005

setor	HOMEM			MULHER		
	(%) no total de declarantes (1)	peso no total ocupado	no. médio de horas semanais declaradas	% no total de declarantes (1)	peso no total ocupado	no. médio de horas semanais declaradas
Agropecuária	20.5	48.9	9.4	9.3	98.0	25.0
Siderurgia e Metalurgia	2.1	54.6	8.3	0.3	88.7	17.3
Material Elétrico e Eletrônico	0.8	56.7	8.8	0.5	86.9	18.0
Madeira e Mobiliário	2.0	51.5	8.6	0.4	94.3	19.1
Indústria Têxtil	0.6	59.7	9.3	1.9	96.7	24.3
Artigos do Vestuário	0.6	52.3	8.8	4.4	94.3	22.6
Fabricação de Calçados	1.0	57.4	8.2	1.2	95.5	18.4
Produtos Alimentares	2.6	50.1	8.5	2.5	94.7	23.5
Indústrias Diversas	0.5	54.8	9.4	0.8	95.8	24.4
Serv. Indust. Utilid. Pública	1.0	54.8	8.8	0.3	86.8	17.4
Comércio, Serv. Prest. às Famílias	8.3	54.8	9.8	34.6	91.4	20.9
Comércio, Serv. Prest. às Empresas	6.0	57.7	9.0	3.9	86.1	16.7
Administração Pública	7.7	56.2	9.4	14.9	91.5	20.3
TOTAL	100.0	51.4	9.1	100.0	91.4	20.8

Notas: (1) que declaram realizar afazeres domésticos. Fonte: PNAD. Elaboração própria.

4.2. Características dos domicílios

A tabela a seguir fornece algumas informações acerca da composição dos domicílios em 1995 e 2005, segundo o sexo de seu chefe. Em primeiro lugar, o número de domicílios chefiados por mulheres cresce significativamente nos últimos 10 anos: diante de um crescimento de 36% no número total de domicílios, aqueles chefiados por mulheres cresceram 87%. Em média, os domicílios chefiados por mulheres são menores, tendo um número inferior de

peçoas e também um número de filhos de até 16 anos inferior aos domicílios chefiados por homens. São também domicílios mais pobres: tanto a renda total quanto a renda do chefe do domicílio são inferiores no caso do chefe ser uma mulher. Finalmente, os domicílios chefiados por mulheres costumam reunir um número maior de famílias em um mesmo teto.

Tabela 16. Características dos domicílios segundo o sexo de seu chefe, 1995 e 2005

1995			
CARACTERÍSTICAS	CHEFE DO DOMICÍLIO		
	HOMEM	MULHER	TOTAL
Nº DE DOMICÍLIOS	31,053,948	7,914,510	38,968,458
Nº MÉDIO DE PESSOAS POR DOMICÍLIO	4.10	3.11	3.90
RENDIMENTO MÉDIO MENSAL DO DOMICÍLIO	822.74	588.02	775.07
RENDIMENTO MÉDIO MENSAL DO CHEFE DO DOMICÍLIO	589.76	368.26	544.78
Nº DE PESSOAS QUE RECEBEM RENDA NO DOMICÍLIO - TOTAL	57,538,655	14,260,371	71,799,026
Nº DE PESSOAS QUE RECEBEM RENDA NO DOMICÍLIO - MÉDIA P/ DOMIC.	1.85	1.80	1.84
Nº MÉDIO DE FAMÍLIAS POR DOMICÍLIO	1.07	1.12	1.08
Nº DE FILHOS DE 0 A 9 ANOS - TOTAL	24,382,931	2,254,044	26,636,975
Nº DE FILHOS DE 0 A 9 ANOS - MÉDIA P/ DOMIC.	0.79	0.28	0.68
Nº DE FILHOS DE 10 A 16 ANOS - TOTAL	18,502,503	3,123,175	21,625,678
Nº DE FILHOS DE 10 A 16 ANOS - MÉDIA P/ DOMIC.	0.60	0.39	0.55
Nº DE MULHERES CÔNJUGES	28,206,393		
Nº DE MULHERES FILHAS	27,753,324	5,360,829	33,114,153
Nº DE MULHERES OUTRAS	5,339,743	2,929,527	8,269,270
2005			
CARACTERÍSTICAS	CHEFE DO DOMICÍLIO		
	HOMEM	MULHER	TOTAL
Nº DE DOMICÍLIOS	38,328,491	14,813,105	53,141,596
Nº MÉDIO DE PESSOAS POR DOMICÍLIO	3.65	3.01	3.47
RENDIMENTO MÉDIO MENSAL DO DOMICÍLIO	1,563.70	1,265.79	1,480.66
RENDIMENTO MÉDIO MENSAL DO CHEFE DO DOMICÍLIO	1,056.52	767.33	975.91
Nº DE PESSOAS QUE RECEBEM RENDA NO DOMICÍLIO - TOTAL	74,344,257	26,966,229	101,310,486
Nº DE PESSOAS QUE RECEBEM RENDA NO DOMICÍLIO - MÉDIA P/ DOMIC.	1.94	1.82	1.91
Nº MÉDIO DE FAMÍLIAS POR DOMICÍLIO	1.07	1.11	1.08
Nº DE FILHOS DE 0 A 9 ANOS - TOTAL	21,466,370	4,054,422	25,520,792
Nº DE FILHOS DE 0 A 9 ANOS - MÉDIA P/ DOMIC.	0.56	0.27	0.48
Nº DE FILHOS DE 10 A 16 ANOS - TOTAL	16,558,661	4,498,726	21,057,387
Nº DE FILHOS DE 10 A 16 ANOS - MÉDIA P/ DOMIC.	0.43	0.30	0.40
Nº DE MULHERES CÔNJUGES	33,512,360		
Nº DE MULHERES FILHAS	27,102,027	9,034,983	36,137,010
Nº DE MULHERES OUTRAS	5,533,961	4,540,272	10,074,233

Fonte: PNAD (1995, 2005). Elaboração própria

5. Conclusões

As tabelas a seguir têm por objetivo sintetizar algumas informações que foram analisadas ao longo do trabalho a fim de ver quais são as características principais no que se refere ao mercado de trabalho para os setores exportadores e importadores selecionados. A preocupação principal foi verificar se o emprego feminino associado ou ameaçado por exportações e importações se mostrou dinâmico (crescimento do emprego entre 1995 e 2005), se as diferenças de jornada de trabalho e de renda horária eram muito acentuadas, se o trabalho feminino era mais qualificado e finalmente ver a precariedade do contrato de trabalho.¹⁵ Este último ponto é bastante polêmico, pois a precariedade aqui foi concebida a partir da não percepção de direitos trabalhistas, considerando assim os ditos trabalhadores conta própria. Além disso, vale assinalar que no caso deste indicador, para os setores onde a diferença entre o peso dos empregos precários femininos e masculinos é maior (indicado por “- -”), são também aqueles setores onde o peso dos postos precários é maior para as mulheres.

Conforme a tabela a seguir, em geral, o emprego feminino associado às exportações se mostrou dinâmico, com diferenciais de jornada e sobretudo de renda significativos e desfavoráveis às mulheres. O peso da mão-de-obra de menor qualificação não parece ser uma característica comum a todos os setores, sobretudo a aqueles que são exportadores *indiretos* (serviços). No que se refere à precariedade do emprego feminino, ela parece estar presente na maioria dos setores exportadores, excetuando-se dois.

Tabela 17. Síntese dos resultados referentes ao emprego para os setores exportadores

	crescimento do emprego	diferença jornada de trabalho H/M	diferencial de renda horária	peso da mão. baixa qualificação	precariedade do trabalho
Agropecuária	+	--	--	--	--
Madeira e Mobiliário	++	-	=	-	-
Fabricação de Calçados	=	=	=	=	=
Produtos Alimentares	+	--	--	=	-
Comércio	=	-	--	+	-
Comércio, Serv. Prest. às Famílias	+	-	--	--	--
Comércio, Serv. Prest. às Empresas	=	-	--	++	=

Elaboração própria a partir das tabelas anteriores

¹⁵ Para o primeiro indicador, comparamos o crescimento do emprego setorial feminino com o emprego setorial total (um setor cujo crescimento do emprego feminino foi bem superior ao crescimento do emprego total, tem-se “++”). Para o segundo e o terceiro indicadores, comparamos a razão das jornadas ou renda de mulheres e homens por setor com a razão para a economia como um todo (“++” indica forte diferencial a favor das mulheres). O terceiro indicador compara o peso das trabalhadoras com até 7 anos de estudo em cada setor com o peso no conjunto da mão-de-obra (aqui “++” indica que a mão-de-obra naquele setor é muito mais qualificado, ou seja, o peso da mão-de-obra de baixa qualificação é pequeno). O último indicador refere-se ao tipo de contrato que as mulheres possuem (conhecido também como “posição na ocupação”). Consideramos como postos não precários aqueles que as trabalhadoras são: empregadas com carteira de trabalho (contrato formal), empregador e outros, que inclui funcionários públicos e militares. Os postos precários considerados foram: empregadas sem carteira de trabalho (contrato informal), conta própria e sem remuneração. Comparou-se o peso dos postos precários femininos com os masculinos (uma diferença desfavorável para as mulheres é assinalada por “-” ou “- -”).

Do lado do emprego ameaçado pelas importações, o emprego feminino se mostrou dinâmico em quase todos os setores. O diferencial de jornada de trabalho varia bastante enquanto o diferencial de renda é bastante desfavorável na maioria dos setores – valendo assinalar que aqui figura um setor com diferencial *favorável* às mulheres. O nível de qualificação das trabalhadoras destes setores é relativamente elevado. Enfim, a precariedade do emprego feminino parece ser uma característica menos marcante entre os setores associados às importações do que pelo lado das exportações, como vimos acima.

Tabela 18. Síntese dos resultados referentes ao emprego para os setores importadores

	crescimento do emprego	diferença jornada de trabalho H/M	diferencial de renda horária	peso da mdo. baixa qualificação	precariedade do trabalho
Agropecuária	+	--	--	--	--
Siderurgia e Metalurgia	+	-	+	++	-
Material Elétrico e Eletrônico	+	=	-	++	=
Indústria Têxtil	+	--	--	--	=
Artigos do Vestuário	+	-	--	=	=
Indústrias Diversas	+	--	--	+	=
Comércio	=	-	--	+	-
Comércio, Serv. Prest. às Famílias	+	-	--	--	--
Comércio, Serv. Prest. às Empresas	=	-	--	++	=
Administração Pública	=	--	--	++	=

Elaboração própria a partir das tabelas anteriores.

6. Referências Bibliográficas

CASTILHO, M. R. (2007) *Conteúdo de trabalho feminino do comércio exterior brasileiro*. Texto para Discussão no. 212, Niterói: Faculdade de Economia da UFF.

KUCERA, D., MILBERG, W. (2000) “Gender Segregation and Gender Bias in Manufacturing Trade Expansion: Revisiting the Wood Asymmetry”, *World Development*, 28 (7).

KUME, H. ; PIANI, G. ; SOUZA, C. F. B. (2003) “A política brasileira de importação no período 1987-1998: descrição e avaliação”. In: Carlos Henrique Corseuil; Honorio Kume. (Org.). *A abertura comercial brasileira nos anos 1990: impacto sobre emprego e salário*. 1 ed., Rio de Janeiro: IPEA, 2003.

MELO, H. e CASTILHO, M.R. (2007) *Trabalho reprodutivo no Brasil: quem faz?* Texto para Discussão no. 215, Faculdade de Economia/UFF, Niterói: Faculdade de Economia da UFF.

MELO, H., CONSIDERA, C. e SABBATO, A. (2005) *Os afazeres domésticos contam*. Texto para Discussão no. 177, Faculdade de Economia/UFF, Niterói: Faculdade de Economia da UFF.

Cortes, Jean e Pisani-Ferry

MELO, H. e SABBATO, A. (2006) “Mulheres Rurais - invisíveis e mal remuneradas”. in: *Gênero, Agricultura familiar e reforma agrária no Mercosul*. Brasília: NEAD Debate 9 – Ministério do Desenvolvimento Agrário, v. 9, p. 46-87.

BRUSCHINI, C. (2000) “Gênero e Trabalho no Brasil: Novas conquistas ou persistência da discriminação? (Brasil 85-95)” In: M. I. Rocha (org.) *Trabalho e Gênero - Mudanças, Permanências e Desafios*. São Paulo: Editora 34.

7. Anexo

Tabela 19. Distribuição da mão-de-obra por qualificação, sexo e setores selecionados, 1995 e 2005

setor	anos de estudo	1995			2005		
		homem	mulher	total	homem	mulher	total
Agropecuária	0 a 7	93.4	95.6	93.9	85.0	85.6	85.1
	8 a 11	5.6	3.9	5.2	13.4	13.0	13.3
	12 ou mais	0.9	0.4	0.8	1.0	0.8	0.9
Siderurgia e Metalurgia	0 a 7	57.1	38.9	55.5	40.0	24.7	38.5
	8 a 11	34.0	47.8	35.2	51.7	54.7	52.0
	12 ou mais	7.8	12.1	8.2	7.2	20.2	8.4
Material Elétrico e Eletrônico	0 a 7	38.2	33.9	37.2	16.5	11.6	14.9
	8 a 11	44.2	48.5	45.3	65.4	68.8	66.5
	12 ou mais	16.2	15.8	16.1	16.6	19.0	17.4
Madeira e Mobiliário	0 a 7	78.8	71.3	78.1	57.9	40.3	55.7
	8 a 11	18.6	24.9	19.2	38.5	47.9	39.7
	12 ou mais	2.3	2.8	2.4	3.4	10.9	4.4
Indústria Têxtil	0 a 7	59.4	71.9	65.6	36.9	55.1	49.7
	8 a 11	31.0	23.6	27.4	57.2	40.3	45.3
	12 ou mais	8.9	3.8	6.4	5.6	3.8	4.4
Artigos do Vestuário	0 a 7	58.9	69.1	67.7	33.4	49.9	47.2
	8 a 11	35.5	28.1	29.1	57.3	46.2	48.0
	12 ou mais	5.2	2.2	2.6	8.8	3.5	4.4
Fabricação de Calçados	0 a 7	73.5	73.1	73.4	45.2	44.4	44.8
	8 a 11	21.8	22.4	22.0	50.5	51.0	50.7
	12 ou mais	4.0	3.9	3.9	4.2	4.0	4.1
Produtos Alimentares	0 a 7	67.2	60.7	65.0	51.8	48.9	50.7
	8 a 11	27.4	32.0	28.9	41.1	43.6	42.1
	12 ou mais	5.0	6.7	5.6	6.2	6.4	6.3
Indústrias Diversas	0 a 7	53.5	55.7	54.5	46.4	34.5	39.8
	8 a 11	35.7	35.9	35.8	46.2	55.7	51.5
	12 ou mais	10.3	7.0	8.9	6.4	9.4	8.0
Comércio	0 a 7	57.6	45.0	52.9	40.6	27.2	35.5
	8 a 11	35.1	46.4	39.4	50.4	60.6	54.3
	12 ou mais	6.8	7.6	7.1	8.6	11.4	9.7
Comércio, Serv. Prest. às Famílias	0 a 7	64.2	70.9	68.5	40.1	48.5	46.4
	8 a 11	27.7	22.5	24.4	41.3	40.1	40.4
	12 ou mais	7.7	5.9	6.5	17.5	10.5	12.2
Comércio, Serv. Prest. às Empresas	0 a 7	31.4	14.1	25.9	20.2	13.9	18.0
	8 a 11	38.4	49.7	42.0	48.7	47.0	48.1
	12 ou mais	29.6	35.0	31.3	30.1	37.7	32.8
Administração Pública	0 a 7	35.3	23.3	28.4	22.1	13.6	17.1
	8 a 11	41.0	40.2	40.6	46.9	40.0	42.8
	12 ou mais	22.9	33.1	28.8	29.4	44.3	38.2
TOTAL (em %)	0 a 7	69.0	58.4	65.0	50.8	38.5	45.8
	8 a 11	23.4	29.2	25.6	38.2	43.2	40.2
	12 ou mais	7.3	11.3	8.8	10.4	17.3	13.2

Nota: as três categorias de qualificação não somam 100% por conta de "não identificados". Fonte: PNAD (1995, 2005). Elaboração própria.

Tabela 20. Distribuição da mão-de-obra por faixas de jornada de trabalho semanal por sexo e setores selecionados, 1995 e 2005 (em %)

SETOR	1995									
	HOMEM					MULHER				
	ATÉ 10	+ DE 10 A 20	+ DE 20 A 44	+ DE 44	TOTAL	ATÉ 10	+ DE 10 A 20	+ DE 20 A 44	+ DE 44	TOTAL
Agropecuária	0.7	8.3	40.8	50.3	100.0	1.7	26.5	50.8	21.0	100.0
Siderurgia e Metalurgia	0.3	1.1	61.2	37.4	100.0	1.4	3.4	68.3	26.9	100.0
Material Elétrico e Eletrônico	0.1	1.3	73.3	25.3	100.0	0.0	0.0	75.9	24.1	100.0
Madeira e Mobiliário	0.4	2.6	47.4	49.7	100.0	2.7	11.0	65.5	20.8	100.0
Indústria Têxtil	1.0	1.8	67.0	30.1	100.0	2.1	11.6	67.5	18.7	100.0
Artigos do Vestuário	1.9	7.7	54.2	36.2	100.0	4.3	17.3	54.3	24.2	100.0
Fabricação de Calçados	0.1	2.3	67.0	30.7	100.0	0.7	2.9	72.5	23.9	100.0
Produtos Alimentares	0.6	2.5	41.7	55.2	100.0	6.1	11.0	46.7	36.2	100.0
Indústrias Diversas	1.0	4.9	61.6	32.5	100.0	3.7	11.3	57.5	27.5	100.0
Comércio	1.2	5.1	39.5	54.1	100.0	4.6	12.8	45.9	36.7	100.0
Comércio, Serv. Prest. às Famílias	1.8	6.3	38.0	53.8	99.9	5.2	11.5	43.1	40.2	100.0
Comércio, Serv. Prest. às Empresas	1.1	3.4	57.5	38.0	100.0	1.4	8.2	74.5	15.8	100.0
Administração Pública	0.7	5.0	70.7	23.6	100.0	1.0	20.7	71.9	6.4	100.0
TOTAL	0.9	5.0	46.7	47.4	100.0	3.5	14.9	53.6	28.0	100.0

SETOR	2005									
	HOMEM					MULHER				
	ATÉ 10	+ DE 10 A 20	+ DE 20 A 44	+ DE 44	TOTAL	ATÉ 10	+ DE 10 A 20	+ DE 20 A 44	+ DE 44	TOTAL
Agropecuária	1.1	9.5	46.6	42.7	100.0	3.1	29.7	49.9	17.3	100.0
Siderurgia e Metalurgia	0.5	2.0	58.3	39.1	99.9	2.1	5.6	71.4	20.9	100.0
Material Elétrico e Eletrônico	0.5	2.1	61.9	35.4	99.8	1.4	3.0	68.1	27.5	100.0
Madeira e Mobiliário	1.0	2.1	51.2	45.8	100.0	1.2	8.1	68.9	21.7	100.0
Indústria Têxtil	0.5	2.0	58.0	39.4	100.0	9.0	23.3	50.7	16.9	99.9
Artigos do Vestuário	1.8	3.8	53.7	40.7	100.0	4.9	11.0	55.1	29.0	100.0
Fabricação de Calçados	0.7	1.6	63.0	34.7	100.0	1.0	3.1	64.1	31.8	99.9
Produtos Alimentares	0.9	4.1	46.5	48.4	100.0	7.9	15.3	48.4	28.4	100.0
Indústrias Diversas	3.8	4.7	55.1	36.5	100.0	8.8	20.8	52.6	17.8	100.0
Comércio	1.6	4.1	42.6	51.7	100.0	5.9	10.1	47.1	36.8	100.0
Comércio, Serv. Prest. às Famílias	4.9	8.1	40.5	46.5	99.9	7.1	12.3	48.3	32.3	100.0
Comércio, Serv. Prest. às Empresas	1.5	4.5	57.8	36.2	100.0	2.2	6.6	72.5	18.6	100.0
Administração Pública	1.0	6.8	70.8	21.4	100.0	1.2	17.6	73.8	7.5	100.0
TOTAL	1.5	5.2	50.2	43.1	100.0	4.9	13.5	55.8	25.8	100.0

Fonte: PNAD (1995, 2005). Elaboração própria.

Tabela 21. Comparação do valor das rendas do trabalho mensal e horária Brasil x Argentina, 2005

	Homem		Mulher	
	RENDA MÉDIA MENSAL	RENDA P/HORA TRAB.	RENDA MÉDIA MENSAL	RENDA P/HORA TRAB.
Renda brasileira (2005) em:				
US\$	367.86	2.30	251.57	1.91
Peso Argentino	1,070.86	6.71	732.32	5.57
Peso Uruguaio	8,859.43	55.49	6,058.63	46.06
Peso Mexicano	3,960.72	24.81	2,708.58	20.59
Peso Chileno	195,037.34	1,221.58	133,378.67	1,014.01
Peso Colombiano	841,874.36	5,272.91	575,726.06	4,376.93
Renda Argentina				
Peso Argentino	946.49	5.11	608.84	4.17

Nota: convertido pelo câmbio de venda de 30/09/2005. Fonte: PNAD/IBGE; BACEN. Elaboração própria.